

A CARNE E OS OSSOS DA ESCRAVIDÃO: ENTENDENDO OS HÁBITOS ALIMENTARES DE SENHORES E ESCRAVOS COM BASE EM AMOSTRAS ZOOARQUEOLÓGICAS DO COLÉGIO DOS JESUÍTAS

RESUMO: Os restos faunísticos encontrados tanto em contexto de senzala quanto em uma lixeira da casa grande durante uma escavação realizada em 2012, no Colégio dos Jesuítas, localizado no município de Campos dos Goytacazes (RJ), oferecem uma oportunidade de examinar e contrastar a dieta do senhor em relação à dos escravizados deste sítio através de uma perspectiva arqueológica, algo ainda não realizado no Brasil.

ABSTRACT: The faunal remains found in the contexts of a slave quarter and big house found in an excavation carried out in 2012 in Colégio dos Jesuítas, located in Campos dos Goytacazes (RJ), offer an opportunity to analyse and contrast the diet of both slave and slaveholder, something not yet studied from an archaeological perspective in Brazil.

Introdução

Este artigo tem por propósito apresentar os resultados iniciais da análise do material zooarqueológico referente à escavação do sítio histórico Colégio dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes realizada em 2012. O sítio em questão foi escavado dentro dos quadros do projeto *Café com Açúcar: Arqueologia da Escravidão em uma Perspectiva Comparativa no Sudeste Rural Escravista – Séculos XVIII e XIX*, coordenado pelo Dr. Luís Cláudio Pereira Symanski e financiado pelo CNPq.

O projeto *Café com Açúcar* tem como objetivo investigar a vida material de grupos escravos das plantations do sudeste a partir de escavações em senzalas coletivas e familiares de dois tipos principais de unidades de produção: engenhos de açúcar e fazendas de café de unidades rurais da região do Vale do Paraíba, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, e do norte fluminense. O projeto visa o estudo comparativo desses contextos com o objetivo de obter informações sobre as diversificadas configurações econômicas, sociais e culturais desenvolvidas pelos grupos escravizados, em função tanto da estrutura produtiva quanto da composição cultural diferenciada desses plantéis. (SYMANSKI & GOMES, 2012)

Nesse sentido, o material zooarqueológico recu-

perado dos contextos da senzala e da casa grande do Colégio dos Jesuítas apresenta um grande potencial de melhor compreender tanto as estratégias quanto as práticas cotidianas desses grupos, dado que informa sobre os hábitos e as escolhas alimentares, assim como sobre estratégias de subsistência por eles empregadas, tais como caça, pesca e criação.

Um ponto fundamental a ser destacado é o fato deste ser o primeiro estudo zooarqueológico de senzalas realizado no Brasil. Nesse sentido, os resultados aqui apresentados, ainda que prévios, são de grande importância, por revelarem informações inéditas sobre as práticas de subsistência e os hábitos alimentares de grupos escravos sob uma perspectiva arqueológica.

Por outro lado, nos Estados Unidos e no Caribe o estudo dos hábitos alimentares dos grupos escravizados feito por meio dos restos faunísticos tem sido realizado de forma sistemática desde a década de 1970 (ASCHER & FAIRBANKS, 1971; CRADER, 1991; REITZ, 1994; KLIPPEL, 2001; LEV-TOV, 2004; DAWDY, 2010; HEINRICH, 2012; WALLMAN, 2014; HANDLER & WALLMAN, 2014; KELLY & WALLMAN, 2014).

Em 1974, Ascher & Fairbanks (1971) focalizou o estudo de arqueólogos históricos para além da casa grande, trazendo a atenção dos arqueólogos para

**Geraldo Pereira de
Morais Júnior**

Graduando em
Antropologia pela
Universidade Federal de
Minas Gerais (UFMG).

Contato:

geraldopmj@gmail.com

Palavras-chaves:

Zooarqueologia;
arqueologia da
Díspora Africana;
arqueologia da
escravidão.

Keywords:

Archeology; archeology
African Diaspora;
archeology slavery.

os grupos escravizados de modo a estudar aqueles dos quais quase não se possui registros documentais de seus costumes e modos de vida. Os estudos posteriores que investigaram o refugio das senzalas produziram uma farta literatura que procurou entender como as famílias escravizadas procuravam se alimentar além da ração proveniente dos senhores (muitas vezes subnutritiva), além de identificar como eles desenvolveram suas culturas através de sua agência, e aprender como os escravos resistiam às limitações impostas pelos senhores. (HEIMRICH, 2012)

Através do estudo da alimentação dos escravos podemos descobrir quais atividades cotidianas eram realizadas, se havia racionamento de comida, como e se eles obtinham alimentos para suprir uma falta de nutrientes e/ou de variedade, se havia prática de furtos e até mesmo práticas culinárias próprias das

comunidades de senzala. (HEIMRICH, 2012)

O Colégio dos Jesuítas

A sede do Colégio dos Jesuítas se localiza na rodovia Sérgio Viana Barroso, entre a cidade de Campos dos Goytacazes e o distrito de Tocos. Foi construída no século XVII por padres da Companhia de Jesus. Com a expulsão dos Jesuítas, a propriedade foi tomada pela Coroa portuguesa; décadas mais tarde a propriedade foi arrematada pelo comerciante Joaquim Vicente dos Reis. Tombada pelo Patrimônio Histórico em 1946, foi desapropriada na década de 70, sendo que o último morador morou até a década de 80; em 2001 o local foi designado como arquivo Público Municipal. (SYMANSKI & GOMES, 2012)

Figura 1- Recorte da folha topográfica de Campos dos Goytacazes indicando a localização do Colégio dos Jesuítas. (SYMANSKI & GOMES, 2012)

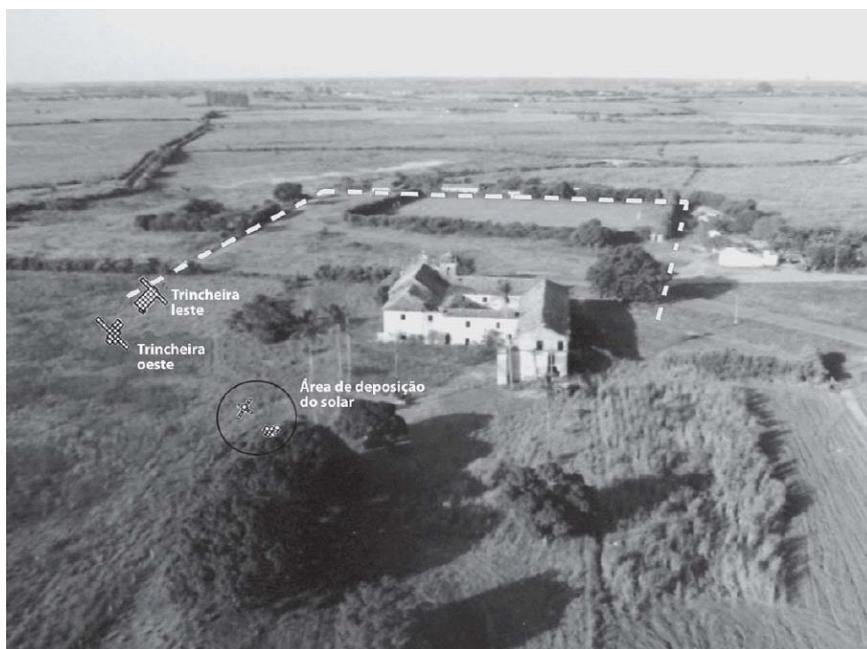


Metodologia

Em 2012 foram feitas escavações arqueológicas coordenadas pelo Dr. Luís Cláudio Symanski, professor adjunto da UFMG, que contemplaram duas áreas: uma de deposição de refugio referente aos ocupantes da sede, situada cerca de 45m a noroeste da sede; e

a outra 80m a norte da sede, referente à extremidade noroeste de uma grande senzala em conformação de U que ficava de frente para a sede, cujas extremidades originalmente ultrapassavam a linha da parede frontal da sede da fazenda em aproximadamente 10m, formando uma praça de cerca de 180m x 250m. (SYMANSKI & GOMES 2012)

Figura 2: Fotografia aérea do Solar do Colégio em 1980, com indicação das áreas escavadas; o tracejado branco diz respeito ao traçado da senzala.



Fonte: Arquivo Público de Campos dos Goytacazes. (SYMANSKI & GOMES, 2012)

Foram abertas duas unidades de escavação, com profundidade média de 40 cm, tanto na área de deposição de refugio da sede da fazenda quanto na área referente à senzala. (SYMANSKI & GOMES 2012)

A metodologia de análise dos restos faunísticos em laboratório foi baseada em manuais de zooarqueologia existentes (KLEIN & CRUZ-URIBE, 1984; LYMAN, 1994; e REITZ & WING, 2008) e passou por quatro etapas: a limpeza, a marcação dos materiais com sistema de codificação, classificação/identificação dos ossos e por fim a análise quantitativa.

Ao manusear os vestígios, foi perceptível que, apesar da alta fragmentação, o material estava bem conservado, pois nenhum estava frágil ou esfarelado. Assim, foi decidido que o processo de limpeza seria a lavagem em água pura, tirando os resíduos da terra utilizando escovas com cerdas macias. Utilizou-se ainda uma espátula ortodôntica para cuidadosamente remover a terra do interior dos ossos. Após o processo de limpeza, o material ficou secando ao abrigo do sol em peneiras pelo tempo mínimo de 24h (para evitar a proliferação de fungos), para que fosse

então guardado novamente.

Posteriormente, foi feita a seleção dos vestígios que seriam trabalhados, pois a alta fragmentação não permite a identificação de todo o material. Foram escolhidos somente os ossos passíveis de serem diagnosticados (identificados) para que fosse feito o sistema de codificação, que consiste em uma pequena marcação, com pincel, dos números que correspondem o local exato de onde ele foi retirado para uma melhor visualização do contexto. O primeiro número do sistema de codificação define o sítio em que o osso foi retirado, o segundo número a quadrícula em que o material foi encontrado e o terceiro número o nível (altura); com essa marcação é possível saber o local onde foi encontrado o vestígio, possibilitando fazer uma análise espacial de como o sítio estava antes de ser escavado. Para a datação dos níveis, empregou-se a Fórmula para Datação Média de Louças de Stanley South, que consiste em um cálculo envolvendo a popularidade de cada tipo de louça com períodos de produção identificados. (SYMANSKI & GOMES, 2012)

Após marcar os ossos diagnósticos, foi iniciado o processo de identificação através de anatomia comparada. Porém, pela indisponibilidade de uma coleção de referência foram utilizados os atlas de anatomia de Hillson (2005) para identificar os dentes e o atlas de France (2008) para identificar os ossos. A identificação foi feita por comparação, com base na osteometria. Foi possível identificar a parte esquelética e em alguns casos a simetria de cada osso de modo a identificar o nível taxonômico mais próximo da espécie possível, sobretudo a família e, em alguns casos, o gênero (a espécie só é passível de identificação em um contexto muito bem definido, onde os vestígios de um mesmo animal são encontrados em sua forma anatômica). Procurei ajuda para realizar a identificação do material no Instituto de Ciências Biológicas, onde encontramos os biólogos Mario Alberto Cozzuol, do Departamento de Zoologia da UFMG, Germán Arturo Bohórques, do Departamento de Morfologia da UFMG, bem como dos biólogos Rodrigo Parisi Dutra e Marcelo Greco, que prontamente nos ajudaram.

Diferentes sociedades classificam a comida de diferentes formas; por exemplo, a sociedade ocidental costuma classificar a comida em cozido e cru. Porém, de acordo com Ascher & Fairbanks (1971), uma importante classificação dos cativos no período colonial era a divisão do alimento distribuído pelo senhor e o alimento obtido por eles mesmos. Sabendo disso, essa classificação foi fortemente considerada na classificação dos restos faunísticos do Colégio dos Jesuítas.

Em um primeiro momento consegui apenas identificar os ossos de animais de médio e grande porte da área escavada em 2012, pois os atlas disponíveis continham somente estes animais. Já os dentes foram possíveis de identificar em sua quase totalidade, incluindo aqueles de animais de pequeno porte. Com a ajuda dos biólogos, a amostra identificável aumentou consideravelmente. Apesar disso, a quantidade de vestígios faunísticos de animais de grande porte ainda são superiores aos vestígios de animais de pequeno porte. Além da identificação foram realizadas estimativas da idade, a partir da dentição e o do fusonamento dos ossos, de modo a identificar um padrão de consumo dos animais feitos pelos dois grupos socioeconômicos estudados. A distribuição espacial dos ossos já foi realizada por Isabela Sugimatsu (2012), sendo possível recorrer ao seu trabalho sempre que necessário para entender os processos de formação do sítio.

Após a identificação foi feita a quantificação do número de espécies identificadas (NISP), onde cada fragmento representa um animal. Essa quantificação

tem o problema de superestimar a quantificação de animais, porém utilizei esse método para focar na parte esquelética do fragmento, visto que temos certas preferências por cortes, e o NISP permite visualizar melhor qual parte do animal está sendo mais consumida em detrimento de outras. Verifiquei também a quantificação por nível para uma análise posterior de uma possível mudança nos hábitos alimentares diacrônica, de modo a observar quais eram os cortes mais consumidos por ambos os grupos socioeconômicos.

Resultados da Análise

Há poucos relatos sobre a alimentação dos escravos no Brasil. Um dos poucos é o de um oficial alemão, Carl Seidler (1980), que visitou o Brasil no período em D. Pedro I era imperador, o qual descreveu a alimentação escrava da seguinte forma:

"A alimentação habitual dos escravos na capital consiste em farinha de mandioca, feijão, arroz, toucinho e bananas; no interior do país, normalmente nas casas mais pobres, às vezes têm que se contentar durante meses com laranja e farinha. Não se acreditaria que com semelhante alimento pudesse um homem conservar sua força e saúde, mormente tendo trabalho pesado, entretanto esses negros são tão fortes e saudáveis como se tivessem a melhor alimentação. Por aí se vê como o africano exige pouco para sua manutenção, pois um alemão, ou de um modo geral um europeu, alimentado exclusivamente a laranja e farinha, dificilmente atingiria idade avançada, com saúde, como acontece com os negros no Brasil."

O relato de Carl Seidler evidencia uma alimentação bastante subnutritiva. Apesar de esse relato nos informar sobre a alimentação na capital e em algumas casas do interior, o autor não nos informa sobre a alimentação dos escravos nas grandes fazendas, como o Colégio dos Jesuítas.

Eduardo Frieiro (1982) levantou um dado interessante sobre a alimentação dos cativos de um escrito do Correio Oficial de Minas, de outubro de 1859, do qual supostamente o autor é o Conselheiro Francisco de Paula Candido:

"A base da alimentação escrava é o feijão, e esse pão de farinha de milho (fubá) sem fermento, a que damos a denominação pouco eufônica de – angu. O angu feito em um tacho com água quente, bem como feijão, é dado ao escravo a discrição, e há sempre tanta sobra que eles sustentam com ela seus cães. O toucinho também lhes é fornecido para adubar

o feijão. O escravo tem além disso para seu alimento ervas, como mostarda e serralha que crescem espontaneamente em todas as roças, as frutas, especialmente a laranja, que é de tanta abundância que apodrece desprezada debaixo dos pés. Têm muitas vezes carne, e quase sempre ele mesmo aumenta sua cozinha com a caça, palmito, mandioca, batatas etc. Quase todo escravo tem sua roça própria, que cultiva nos dias santos e outras vagas, da qual o mesmo senhor compra-lhe os produtos nos anos de ruim colheita. Outros plantam fumo ou algodão, que vendem para

comprar roupas domingueiras e outras necessidades. Além desses lucros lícitos, por via de regra, todo escravo roubava de seu senhor."

Após a realização da identificação e quantificação dos dentes e ossos, ficou evidente a diferença no consumo entre os dois grupos socioeconômicos estudados (senhores e escravos), pois no contexto da senzala havia tanto a presença de animais domesticados quanto animais silvestres, enquanto na casa grande há somente animais domésticos (ver tabela 1 e 2).

Tabela 1: Quantidade total de Dentes da área da senzala, identificados por nível, com sua respectiva datação.

	Datas	Caprinae	Bovinae	Suidae	Equidae	Didelphidae	Canidae	Rodentia	Alligatoridae	Sauria
Nível 1	1826	8	45	38	0	3	3	1	8	1
Nível 2	1824	0	19	26	1	11	1	0	10	0
Nível 3/4	1816	3	46	47	4	4	1	3	6	3

Tabela 2: Quantidade total de Dentes identificados por nível da área da sede da fazenda.

	Datas	Caprinae	Bovinae	Suidae
N1	1832	1	54	10
N2	1821	0	11	0

Os animais domesticados provavelmente foram provisionados pelo senhor, com exceção do cavalo e do possível cachorro (Canidae), dos quais foram encontrados poucos fragmentos, denotando que talvez eles possam consumir esses animais de forma esporádica; já os ossos de bovinos, caprinos e suínos constituem somente os ossos inferiores das patas como falanges, carpos e tarsos, metacarpos e metatarsos, úmeros e calcâneos. Há ainda a presença de um grande número de vértebras, das quais não foi possível identificar as espécies. Os cortes relacionados ao inferior da pata e a coluna vertebral possuem um valor nutricional ínfimo (KLIPPEL, 2001). Este fato pode explicar a alta fragmentação desses ossos no sítio, já que era comum esmagar os ossos para fazer enso-pados, a fim de se obter um maior aproveitamento de seus nutrientes (HEINRICH, 2012).

Na área da casa grande poucos ossos grandes foram identificados de modo a ter uma quantidade para uma melhor comparação, mas há uma maior presença de costelas e de outros ossos além das patas.

É interessante a presença do úmero de cachorro. Cascudo (2011) diz que era comum o consumo do cão

na África. O cachorro era assado e seu couro chamuscado; a carne era considerada um prato fino em toda a Costa do Ouro. Sendo assim, não é de se espantar que os cativos pudessem estar consumindo carne de cachorro.

Quanto às evidências de animais silvestres, foram encontrados principalmente dentes de marsupiais (Didelphidae), dentes, osteodermas e fragmentos de crânio de jacaré (Alligatoridae), um fragmento de mandíbula de lagarto (Sauria) e 2 dentes de roedores (Rodentia), provavelmente intrusivos.

Possivelmente os escravos do Colégio dos Jesuítas faziam armadilhas nas proximidades do sítio para capturar esses animais silvestres, visto que estes são caçados principalmente através de seu uso, já que isso pouparia tempo dos cativos, que tinham que se dedicar ao trabalho. Cascudo (2011) nos informa também sobre como a caça era importante para os africanos, um sentimento que deve ter se refletido nos escravizados e talvez potencializado por ser uma forma de conseguir seu sustento pelo seu próprio esforço:

Figura 3: Molares de Canídeo encontrado no contexto senzala



Figura 4: Úmero de Canídeo encontrado no contexto senzala



"(Na África) a caça era ofício, divertimento, orgulho, dignidade. Congo quer dizer "caçador". Elefantes, búfalos, a interminável série de gazelas e antílopes, o nédio hipopótamo, o gordo crocodilo, eram peças dignas de menção de consumo. Sempre assadas. Também as cabras, carneiro sem lã (Ovis Longipes), lebres (Lepus), ausência de coelhos (Oryctolagus), porcos monteses para aqueles que não eram fieis ao Deus clemente e misericordioso dos maometanos, caça miúda dos campos, roedores, lagartas túmidas de creme. E cães, pouco afeitos as proezas cinegéticas e mais desti-

nadas às refeições. Imagine-se da excelência do pitéu, para os mandingas e capiis ou capoes de então. Ainda hoje os bobos, majacos, papéis, são comedores de cães. Os beafadas sepultam-nos com o falecido dono, como os Witotos do Amazonas. Comem-nos em Angola também."

Cascudo (2011) lembra que os crocodilos eram muito procurados nos pântanos africanos, de modo que é possível pensar que os cativos pudessem associar o jacaré ao crocodilo africano.

Tabela 3: Quantidade de osteodermas por nível encontrados no contexto da senzala.

Osteodermas de Jacaré	Fragmentos
N1	27
N2	34
N3	11

Figura 5: dentes de jacaré (Alligatoridae)



Discussão

Uma pesquisa realizada em Louisiana demonstrou que os colonos mesclaram sua culinária com a dos nativos americanos e com a dos africanos, apesar da contribuição africana para a história da culinária ter sido "silenciada", já que lendo os textos de escritores coloniais mal são mencionados alimentos de origem africana, demonstrando haver uma preferência hierárquica, onde a comida europeia fica no topo, a culinária nativa americana no meio e a africana na base (DAWDY, 2010). Esse fato parece ocorrer até certo ponto no Colégio dos Jesuítas, já que tanto na área de refugio referente à sede da fazenda quanto na área referente a senzala foi encontrada uma quantidade de ossos das patas e do crânio dos animais, porém na senzala há uma quantidade muito maior destes cortes, enquanto na área referente à sede podemos encontrar outros cortes como fragmentos de fêmur de bovinos e várias costelas.

Era raro encontrar alimentos puramente europeus na colônia, visto que a culinária foi sincretizada. Os colonos então utilizavam ingredientes e receitas de nativos americanos e africanos e os cozinhavam de modo a "transformar o exótico em algo familiar". Isso ocorria de uma forma que denotava a ambição

dos europeus de transformar a América em algo "civilizado, comestível". (DAWDY, 2010)

Apesar de, pela historiografia, termos o conhecimento de que os escravos criaram alguns animais domésticos, principalmente os galináceos (BERLIN & MORGAN, 1993), fato também evidenciado nas escavações realizadas por Lev-Tov (2004) no sul dos Estados Unidos, no Colégio dos Jesuítas os animais domésticos provavelmente foram provisionados pelo senhor, pois podemos observar que quando há uma diminuição destes animais domésticos há um aumento na quantidade de animais silvestres. Em um primeiro momento eu pensei na possibilidade de que esta era a forma que os escravos encontravam de suprir a escassez de alimentos, além de que a caça e pesca eram atividades extremamente importantes para os escravizados, pois era uma forma de conseguir alimentos através de suas ações independentes (ASCHER & FAIRBANKS, 1971; LEV-TOV 2004). A caça também aumentava a variedade de espécies consumidas por eles de forma que poderiam sair da monotonia de sabores para além dos animais domésticos, assim como talvez uma possível variedade de receitas.

A caça era uma atividade que era provavelmente realizada através de armadilhas, afinal os principais

animais caçados são os marsupiais (Didelphidae). Porém, não há como ter certeza, já que não encontrei informações ou registros históricos sobre como eram os atos da caça e pesca entre esses grupos. Por outro lado, todas as pesquisas zooarqueológicas realizadas em contexto de senzala encontram uma grande quantidade de restos de fauna silvestre, tanto de animais marinhos quanto de terrestres (LEV-TOV,

2004).

Além da caça, havia outros meios de conseguir suprir a escassez de alimentos. Ao analisar as idades dos animais domésticos alguns arqueólogos notaram que a maioria dos animais era abatida quando adultos (CRADER, 1990), porém foram encontrados em vários sítios arqueológicos alguns fragmentos de animais jovens em contexto de senzala. Uma possível



explicação para esse fato é considerar a prática do furto de animais pelos cativos.

De fato, há vários relatos de senhores reclamando de animais serem furtados. Este era, obviamente, um ato de resistência. Não há como, porém, se afirmar com certeza se um dado animal fora mesmo furtado, pois não há diferença entre um osso de um animal furtado e outro que foi provisionado pelo senhor (LEV-TOV, 2004).

No Colégio dos Jesuítas foram identificados alguns ossos que não tinham sido fusionados, algo que ocorre em média até os dois anos de vida dos animais. Há ainda a presença de molares decíduos em algumas mandíbulas, que podem ser evidências de que os escravos do Colégio poderiam estar praticando furtos ocasionalmente para suprir a falta de alimentos.

Com os trabalhos zooarqueológicos já realizado nota-se que é frequente encontrar espécies de mamíferos, aves e peixes, tanto domésticos quanto silvestres (ver CRADER, 1991; REITZ, 1994; KLIPPEL, 2001; LEV-TOV, 2004; DAWDY, 2010; HEINRICH, 2012; WALLMAN, 2014; HANDLER & WALLMAN, 2014; KELLY & WALLMAN, 2014), sendo que suínos e galináceos são os tipos de animais domésticos mais consumidos. Já a caça é representada por animais de pequeno porte, como marsupiais, e animais de médio porte, como veados. Porém somente no Colégio há a presença de jacarés (*Alligatoridae*) na amostra. Como ao redor do sítio do Colégio dos Jesuítas havia lagos e um rio, os escravos não precisavam se afastar do sítio para praticar a caça a esse animal. No caso do jacaré, foram encontrados ossos das patas, vértebras e osteodermas, bem como dentes, indicando o consumo de várias partes do corpo do animal.

Durante a análise, devemos ficar atentos ao fato de que os ossos estão sujeitos a quebras, intencionais e não intencionais, por processos humanos como o corte, pisoteamento entre outros, bem como por processos naturais e pela ação do tempo (HEINRICH, 2012), sendo extremamente importante na zooarqueologia entender o processo de formação do sítio de modo a não confundirmos as marcas deixadas por essas ações.

Poucos trabalhos em contextos de senzala registram, assim como foi identificado no Colégio, ossos de cavalos. Wallman (2014) sugeriu que os escravizados consumiam esses animais ocasionalmente, quando morriam.

No Colégio dos jesuítas percebemos uma enorme quantidade de ossos de peixes, ainda não identificados, mas que devem sua popularidade à proximidade do sítio com um rio, lagos e o mar.

Podemos perceber diferenças de diversidade na

dieta em relação à localização em que o sítio se encontra. Os escravos que viviam perto da costa tinham mais variedade de alimentos que os que viviam no interior; a diferença se dá principalmente pela prevalência de animais silvestres, tanto em número quanto em variedade. Apesar de haver diferenças no ambiente, ela sozinha não consegue explicar essa discrepância no número de restos de fauna selvagem, já que no interior a caça é tão rica quanto na costa, levando à hipótese de que a organização de trabalho influencia nas escolhas da dieta do escravo. (LEV-TOV, 2004)

Outra diferença entre os dois tipos de sítio é a grande presença de animais marinhos nos sítios costeiros, e também uma presença maior de espécies de veados. Atividades como a caça e a pesca requerem bastante tempo livre. Nos sítios interioranos, por outro lado, há uma maior presença de aves e animais selvagens de pequeno porte. Tais fatos levantam a hipótese de que alguns escravizados que viviam nos sítios interioranos tenham sido designados como caçadores, enquanto os que viviam nos sítios costeiros utilizavam seu tempo livre para pescar e caçar. (LEV-TOV, 2004)

Depois de anos de pesquisas zooarqueológicas realizadas em contextos de senzala, ficou claro que a maneira como os escravizados conseguiam suprimentos para sua subsistência variava de plantation para plantation. Estudos históricos e arqueológicos demonstraram que alguns senhores provisionavam os escravos, enquanto outros encorajavam o escravo a plantar, caçar e a preparar seu próprio alimento (WALLMAN, 2014). No Brasil não era diferente; Ciro Cardoso (1987) já tratou sobre a questão dos senhores concederem lotes para seus escravos, para a produção de alimentos para consumo próprio, o que ele chama de "brecha camponesa".

Sendo assim a fauna atraía a atenção dos cativos, visto que ela é uma fonte rica que poderia provisionar, além de alimento, ossos, que poderiam ser usados como material para vários artefatos, que vão desde itens recreativos, como dados usados em jogos, até adornos de ossos polidos e modificados (WALLMAN 2014) e vários estilos de botões (WALLMAN, 2014; OLSEN, 1963).

Apesar de em um primeiro momento eu formular a hipótese de que o escravo estaria caçando para suprir a falta de alimentos, ficou evidente, ao juntar os resultados da análise faunística com análise de outros vestígios que, no Colégio dos Jesuítas, os escravos estavam conseguindo uma maior inserção no mercado local no período em que a caça era mais frequente. Deste modo, o maior investimento na caça e na pesca também pode ser considerado como uma conquista de maiores espaços de autonomia pela

comunidade escravizada durante este período. (SYMANSKI & MORAIS JÚNIOR, 2016, no prelo).

Conclusões

Apesar de já termos alguns resultados interessantes, a pesquisa ainda está em andamento, principalmente pelo fato de que falta terminar a análise da área escavada em 2014. Contudo, os resultados até o momento obtidos são de grande importância por revelarem informações inéditas sobre a dieta e as práticas de subsistência de uma comunidade escravizada do Brasil.

Como discutido, este consiste no primeiro estudo de material zooarqueológico de uma senzala no Brasil. Os dados já obtidos demonstraram, por um lado, fortes similaridades com aqueles de contextos de senzala da América do Norte e do Caribe. A semelhança nesses casos se dá, sobretudo, pela alta frequência de ossos inferiores das patas, sobretudo de bois e porcos, bem como de vértebras desses ani-

mais. Tratam-se, justamente, daquelas partes com menor quantidade de carne desses animais, que são consumidas cozidas, como forma de aproveitar seu total potencial. Essas partes foram provavelmente destinadas aos escravos pelos proprietários, por se tratarem de cortes de baixo valor econômico.

Por outro lado, os escravos buscaram alternativas para complementar a alimentação, através da caça e da pesca. Com relação à caça, o domínio de ossos de animais silvestres pequenos e médios sugere o uso de armadilhas como principal estratégia de obtenção desses animais. Outro aspecto revelador diz respeito à presença de dentes e ossos de jacaré na amostra, indicando que o consumo desse animal foi também comum nesta comunidade escravizada.

Por fim, o trabalho de análise está tendo continuidade. A meta agora consistirá na identificação e análise do material proveniente de outra área da senzala, que foi escavada no ano de 2014.

Referências Bibliográficas

- ASCHER, R. & FAIRBANKS, C. (1971) "Excavation of a Slave Cabin: Georgia, U.S.A.". *Historical Archaeology*, 5, 1: 3-17.
- CARDOSO, Ciro. (1987) *Escravo ou Camponês: O protocampesinato negro nas Américas*. São Paulo, Brasiliense.
- CASCUDO, Luís da Câmara. (2011) *A História da Alimentação no Brasil*. São Paulo, Global.
- CRADER, Diana. (1990) "Slave Diet at Monticello". *American Antiquity*, 55, 4:690-717.
- DAWDY, Shanon Lee. (2010) "A Wild Taste: Food and Colonialism in Eighteenth-Century Louisiana". *Ethnohistory*, 57, 3:389-414. American Society for Ethnohistory
- FRANCE, Diane. (2008) *Human and Nonhuman Bone Identification: A Color Atlas*, Boca Raton, CRC PRESS.
- FRIEIRO, Eduardo. (1982) *Feijão, Angu e Couve: Ensaio Sobre a Comida dos Mineiros*. 1 edição, Belo Horizonte, Itatiaia.
- HANDLER, Jerome. & WALLMAN, Diane. (2014) "Production Activities in the Household Economies of Plantation Slaves: Barbados and Martinique, Mid-1600s to Mid-1800s". *International Journal of Historical Archaeology*, 18,1:441-416.
- HEINRICH, Adam. (2012) "Some Comments on the Archaeology of Slave Diets and the Importance of Taphonomy to Historical Faunal Analyses". *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*, 1, 1:9-40.
- HILLSON, Simon. (2005) *Teeth*, UK, Cambridge University Press.
- KELLY, Kenneth & WALLMAN, Diane. (2014) "Foodways of Enslaved Laborers on French West Indian Plantations (18th-19th century)". *Afriques*, 5,1:2-19.
- KLEIN, Richard & CRUZ-URIBE, Kathryn. (1984) *The Analysis of Animal Bones from Archaeological Sites*. Chicago, University of Chicago Press.
- KLIPEL, Walter. (2001) "Sugar Monoculture, Bovid Skeletal Part Frequencies, and Stable Carbon Isotopes: Interpreting Enslaved African Diet at Brimstone Hill, St Kitts, West Indies". *Journal of Archaeological Science*, 28, 1:1191-1198.
- LEV-TOV, Justin. (2004) "Implications of risk theory for understanding nineteenth century slave diets in the southern United States". In S. Jones, W. Neer, A. Ervynck (orgs.), *Behaviour Behind Bones: The Zooarchaeology of Ritual, Religion, Status and Identity*, UK, Oxbow Books.
- LYMAN, Lee. (1994) "Quantitative units and terminology in zooarchaeology". *American Antiquity*, 59, 1:36-71.
- OLSEN, Stanley. (1963) "Dating Early Plain Buttons by their Form." *American Antiquity*, 28, 1:551-554.
- REITZ, Elizabeth & WING, Elizabeth. (2008) *Zooarchaeology*. 2ª edição, New York, Cambridge University Press.
- REITZ, Elizabeth. (1994) "Zooarchaeological Analysis of a Free African Community: Gracia Real de Santa Teresa de

- Mose", *Historical Archaeology*, 28, 1:23-40.
- SEIDLER, Carl (1980) *Dez anos no Brasil*. São Paulo, Itatiaia Usp. São Paulo. p. 253-254.
- SUGUIMATSU, Isabela. (2012) *A Senzala Do Colégio Dos Jesuítas: Cultura Material E Processos De Formação Do Registro Arqueológico, Campos Dos Goytacazes (Rj), Século Xix*. Monografia, Universidade Federal do Paraná, datilo.
- SYMANSKI, Luís Cláudio & GOMES, Flávio. (2012), "Arqueologia da escravidão em fazendas jesuíticas: primeiras notícias da pesquisa". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, 19, 1:309-317.
- SYMANSKI, Luís Cláudio & MORAIS JÚNIOR, G. P. de (No Prelo) "Alimentação, socialização e reprodução cultural na comunidade escravizada do Colégio dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes (RJ)". In: Codevilla, F., *Comida, cultura e sociedade: arqueologia da alimentação no Mundo Moderno*, Recife, Editora Universitária da UFPE.
- WALLMAN, Diane. (2014) *Negotiating the Plantation Structure: An Archaeological Investigation of Slavery, Subsistence and Daily Practice at Habitation Crève Couer, Martinique, CA. 1760-1890*. Tese de Doutorado, University of South Carolina, datilo.

Recebido em 05 de outubro de 2015

Aprovado em 19 de junho de 2016